

# MANIFESTO PELA LIBERDADE E TOLERÂNCIA RELIGIOSA E EM DEFESA DO ESTADO LAICO

**É** fato controverso entre os militantes da esquerda a relação com o transcendental, a forma como cada um de nós compreende a parte da natureza que não é imediatamente mensurável pelas ciências físicas tradicionais. Individualidades à parte, também é fato, e nada controverso desta vez, a convicção construída historicamente a favor da liberdade religiosa, da laicidade do Estado, da tolerância e do humanismo em todas as suas dimensões mais progressistas.

É, para nós, impossível negar a



Imagem: Paula Rodrigues

História e os fatos! Estamos na Bahia, este mesmo solo que pisamos, os monumentos que vemos, esse ar que respiramos e toda a cultura que nos circunda, tudo isto está carregado de historicidade. Não apenas por ser Salvador a primeira capital desse país, mas, fundamentalmente, porque aqui a primeira terra indígena foi tomada, os primeiros negros cativos desembarcaram, aqui começou não apenas a empresa colonial portuguesa, mas também toda a resistência à

opressão escravista e imperialista. As religiões de matriz africana, em suas plurais manifestações, têm sido alvo de escárnio e ataque pela direita conservadora. No Brasil, rico na sua diversidade étnico-racial e religiosa, a prática da intolerância religiosa é crime de ódio e fere a liberdade e dignidade da pessoa humana. Esta prática não pode ser confundida com a liberdade de pensamento, nem com o direito de criticar dogmas e encaminhamentos, que são assegurados como manifestações da liberdade de expressão, porém atitudes caracterizadas como sendo agressivas ou ofensivas e tratamento diferenciado a alguém, em função de crença religiosa, ou de não ter religião, são crimes inafiançáveis e imprescritíveis.

Romper com o pacto perverso de silêncio e omissão é imprescindível, pois este silêncio cúmplice reproduz uma postura que caracteriza o pouco valor e importância conferidos aos crimes cometidos contra a população negra. Esta prática do silenciamento protege os agressores. Pacto de silêncio das lutas e dos processos de resistência contra a violência racista que atinge a população negra na sua estética, na sua cultura, na sua história, na sua filosofia e na sua religião; sendo que, desta última, não se pode distanciar do racismo religioso.

Comportamentos e práticas que se afastam, enormemente, da mensagem tolerante, respeitosa e ecumênica da liderança maior da Igreja Católica, o Papa Francisco.

Nesse momento em que as forças

da reação clamam pelo fascismo do Movimento Escola Sem Partido – que, em suas cínicas ofensivas, expressam, nada menos, no dizer de Adorno, a intenção de criar pessoas incapazes de amar - que o governo ilegítimo de Temer tenta jogar na vala comum da traição todos os direitos da classe trabalhadora e também a nossa história de luta e dignidade, neste exato instante em que o capital financeiro e imperialista fala através de seus projetos de lei, da mídia golpista e de sua maioria parlamentar. No mesmo momento em que reagimos a todo esse retrocesso, também falamos em nós as tradições ancestrais daqueles que enfrentaram o jugo da escravidão e do açoite, do genocídio indígena e do holocausto negro. Nós, filhos da diáspora negra e da heróica resistência indígena, aprisionados no passado às agruras da senzala e, hoje, na periferia das grandes cidades, viemos dizer nada menos que um basta ao racismo, à segregação e ao preconceito.



Ilustração: Paula Rodrigues

Que os terreiros das religiões de matriz africana e seus praticantes não tenham, em seu cotidiano, a ameaça da intolerância e da violência religiosa. Não mais censura à história africana. Não mais ao racismo da história oficial, que, por diversas formas, ilustrava os livros didáticos de outrora. Não ao extermínio da juventude negra. Não vamos admitir àqueles vilipendiados pelos grilhões da escravidão, o insulto do esquecimento e da criminalização. “O batuque dos atabaques, as cores de Olodumaré e os cânticos dos povos Yorubá, Banto, Guiné, Tupinambás, Gê e Krahô não de nos ajudar agora?”. Não à farsa da democracia racial! Sim às cotas raciais!

O capital, empenhado na aprovação das contra-reformas neoliberais, nada mais quer que restituir, a seu modo, a exploração típica da escravidão e isso está claramente expresso na recente disposição do agronegócio em discutir, no âmbito do Congresso Nacional, a definição do que deve ser considerado trabalho escravo e também na proposta de Reforma Trabalhista, que

chega a prever trabalho em troca de comida. Os povos indígenas, reunidos no Acampamento Terra Livre, corajosamente demonstraram nossa disposição de luta. Já derrotamos a casa grande pelo grito dos quilombos, não permitiremos agora aos fascistas e novos traficantes de escravos renascidos apagarem a nossa história e nos empurrarem de volta para o fosso fundo da miséria e da marginalidade social.

Nesse momento, mais do que nunca, clamamos em nosso auxílio a força dos povos indígenas e africanos. Em nome das mulheres levadas ao açoite, declaramos guerra aos feitores e senhores de engenho vestidos de terno e chamados hoje de doutores! “Que venham a nós todos os orixás, todos os espíritos da floresta!”, a justiça de Xangô, a força de Ogum e a sabedoria de Oxalá!

Os delegados e observadores presentes ao 31º Consinasefe vêm, por meio deste manifesto, repudiar a ofensiva conservadora que visa desqualificar a nossa história, a

perseguição às minorias políticas, às mulheres e LGBTQs e, em especial, nesse presente ato, à nossa herança negra e africana.

Que, de hoje em diante, nenhum de nós nunca mais se esqueça, nem deixe de se orgulhar, um só dia, dos braços fortes e calejados do negro africano, que rasgou esse chão e construiu, à custa do seu sangue, nossas maiores riquezas materiais e culturais.

Por tudo isso, continuaremos lutando com a mesma força de Zumbi e Dandara de Palmares, Zeferina, Acotirene, Anastácia, Luíza Mahin, Luís Gama, Cacique Babau, João Cândido e Carlos Marighela, entre tantas mulheres e homens que lutaram pela liberdade, ontem e sempre! Em memória de todos os nossos ancestrais, homens, mulheres, crianças e idosos, que, das mais variadas formas, resistiram à elite escravista branca e infame, esse manifesto faz um chamado veemente para ecoar em todos os corações desse Congresso e além dele:

Enegreçamos!

## **E A RESISTÊNCIA HOJE CRITA: FORA TEMER!**



Ilustração: Paula Rodrigues